

## PLANO IMAGÉTICO DE UMA ARQUITETURA LITERÁRIA SENSORIAL: O ESPAÇO EXPERIMENTADO A PARTIR DE UM CORPO IMÓVEL EM “O ESCAFANDRO E A BORBOLETA”, DE JEAN-DOMINIQUE BAUBY

LÓREN CRISTINE FERREIRA CUADROS<sup>1</sup>; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [cuadrosloren cristine@gmail.com](mailto:cuadrosloren cristine@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal da Paraíba – [hjcribeiro@gmail.com](mailto:hjcribeiro@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Publicada no ano de 1997, a autobiografia “O escafandro e a borboleta” apresenta as memórias de Jean-Dominique Bauby, editor da revista de moda francesa *Elle* que, aos 43 anos de idade, sofreu um grave acidente vascular cerebral que o levou a permanecer em coma durante várias semanas. Ao acordar, Bauby viu sua vida se transformar radicalmente ao perceber que passara a viver em estado de *locked-in syndrome*, condição que o mantinha “refém” do próprio corpo quase totalmente inerte – com exceção dos movimentos do olho e pálpebra esquerdos, além de um leve meneio de cabeça – enquanto sua mente preservava totalmente a lucidez.

Através de uma reorganização das letras do alfabeto por ordem de relevância no contexto da língua francesa, profissionais da equipe que cuidava do jornalista no Hospital Marítimo de Berck-sur-Mer desenvolveram um sistema por meio do qual, com piscadas do olho esquerdo, Bauby pudesse se comunicar com os visitantes e ditar seu relato autobiográfico a interlocutores. Consistindo basicamente em observações sensoriais do cotidiano em Berck e reminiscências sem conexão direta entre si, tais memórias introduzem de maneira não-linear a história de vida de um homem marcado por sua ligação com as imagens.

Tomando por base a tradução para o português brasileiro realizada por Ivone Castilho Benedetti (2014) para o texto em questão, a presente comunicação se debruça sobre as imagens dialéticas incluídas na obra. De maneira mais específica, pretende-se analisar aquelas associadas a elementos arquitetônicos visando expressar a relação estabelecida entre o narrador e o espaço que o cerca, caracterizada pela percepção da passagem do tempo e da leveza da alma em detrimento das limitações do corpo, experiência de metamorfose para o protagonista.

Partindo da proposta de uma ciência dialética da literatura formulada por Walter Benjamin (2016), busca-se evidenciar a redenção das “ruínas” ou “vestígios” do ser – afastado de forma forçosa e definitiva da esfera da produtividade – e a transformação do olhar que se volta para o presente na obra analisada. Nesse sentido, também trabalhos de autores como Georges Didi-Huberman, Giorgio Agamben e Byung-Chul Han mostram-se particularmente relevantes para o desenvolvimento do projeto.

## **2. METODOLOGIA**

Conforme mencionado, o conceito de imagem dialética – imagem que abre um “portal” entre temporalidades distintas – elaborado por Walter Benjamin é crucial a esta proposta. Do mesmo modo, também o são as noções de sintoma e anacronismo imagético apresentadas pelo historiador da arte Georges Didi-Huberman, que se vale de uma base teórica de fundo psicanalítico. Por fim, fundamentam esta análise os conceitos de potência, aprofundado por Giorgio Agamben a partir de Aristóteles, e o “demorar-se” e/ou o “ritualizar” do cotidiano, que confere a cada coisa seu próprio tempo, frisado pelo filósofo contemporâneo Byung-Chul Han ao longo de sua obra.

As imagens dialéticas introduzidas no texto de Bauby são organizadas em quadros e categorizadas de acordo com alguns subtemas abordados no contexto mais amplo do tema arquitetônico estabelecido ao passo que também os sentimentos, reações e lembranças evocados pelo narrador em contato com diferentes espaços e itens – especialmente encontrados em Berck – são destacados em tal seção. Finalmente, essa seleção de imagens é discutida à luz dos aportes teóricos, pois assume-se que ilustra de modo adequado a articulação entre os conceitos elencados.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em 2007, o filme “O escafandro e a borboleta”, dirigido por Julian Schnabel e estrelado por Mathieu Amalric e Emmanuelle Seigner, chegou à tela do cinema e apresentou a estória vivida por Jean-Dominique Bauby a um grande público no formato híbrido audiovisual. Contudo, esta pesquisa se centra na narrativa autobiográfica de cunho literário em razão da maneira como a relação entre o protagonista e aspectos arquitetônicos é amplamente evidenciada.

A presente comunicação faz referência a um artigo atualmente em produção e pode ser compreendida como uma proposta com finalidade definida, posto que há o intento de publicação do texto mencionado no futuro próximo. A apresentação da pesquisa em contexto acadêmico poderá acarretar contribuições valiosas para as próximas etapas de desenvolvimento do artigo planejado. Ademais, visto como um todo, o projeto serve ao propósito de “testar” a articulação de noções associadas ao arcabouço teórico mobilizado pela autora do presente resumo no âmbito de suas pesquisas.

## **4. CONCLUSÕES**

A narrativa autobiográfica analisada permite concluir que o protagonista / narrador desenvolve uma profunda relação com o(s) espaço(s) e elementos arquitetônicos com os quais se depara ao longo do período ao qual o texto literário faz remissão. Assim, elucidando uma ligação com a imagem dialética, diferentes locais e/ou peças levam a personagem a vivenciar memórias há muito esquecidas e a experimentar diferentes sentimentos de forma única.

Na experiência do corpo imóvel, o tempo assume dimensões menos aceleradas e o narrador vive e vê o que antes lhe passara despercebido ou não recebera maior importância. Fachadas de prédios, alas de hospital e terraços tornam-se mais do que meros espaços onde ações e fatos transcorrem e passam

a ser em si fonte de experiência do tempo vivido e da marcada distinção entre a alma e/ou mente livre e desprendida de toda a expectativa pessoal ou de ordem externa a despeito da sensação de prisão em um corpo para o qual as atividades cotidianas se tornaram uma impossibilidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **A potência do pensamento**. Tradução de António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

AGAMBEN, G. **Bartleby, ou da contingência** – seguido de Bartleby, o escrevente. Tradução de Vinícius Honesko e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BATAILLE, G. **O Erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Autêntica, 2020.

BAUBY, J.D. **O escafandro e a borboleta**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

BENJAMIN, W. **História da literatura e ciência da literatura**. Tradução de Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem queima**. Tradução de Helano Ribeiro. Curitiba: Medusa, 2018.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

HAN, B.C. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, B.C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte / Veneza: Âyiné, 2018.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.